

## Introdução

O Yamaha DVD-S520 é um leitor de DVD, VCD e MP3, que suporta discos CD-R, CD-RW e DVD+RW.

Se o parágrafo introdutório passou sem causar o mínimo frisson, então convém destacar que não é nada frequente encontrarmos uma máquina assim tão compatível, independentemente do preço. Na minha perspectiva, um aparelho com estas características tem uma vantagem insuperável sobre qualquer outro mais restrictivo, mesmo que superior em alguma façanha, como senhor de um grande som analógico.

O excepcional não está na compatibilidade em si, mas nos horizontes que ela representa...

Sejamos analíticos: numa perspectiva cultural, o mais significativo dos últimos anos, não foi tanto a explosão da autoria – por gigante que tenha sido o aumento do número de novos autores –, mas antes a explosão da edição, no sentido de que todos passaram a poder publicar os seus próprios conteúdos.

O mais libertino dos exemplos é a Internet, onde publicar pode ser gratuito, e não implica a sujeição a um editor terceiro. Um exemplo que faz bom contraste com este cenário, é (ainda) a publicação em papel, onde há sempre custos materiais, e existe quase sempre a figura do editor – alguém que funciona como um filtro entre os autores e o conteúdo publicado; alguém que, por exemplo, decide uma apresentação consistente...

Na Internet, com o desaparecimento do filtro/editor, surgiram os conteúdos mais diversos, numa cacafonia de estéticas, pontualmente artísticas, mas frequentemente prova do absoluto desconhecimento do conceito de usabilidade (não confundir com design, uma vez que design é subjectivo, enquanto que a usabilidade é mensurável!)... seja como for, onde eu queria chegar era à mensagem de que agora todos somos, ou podemos ser, autores e editores, publicando onde bem entendermos.

E onde muitos têm apreciado publicar, é em discos ópticos. A autoria de CDs está massificada; e a autoria de DVDs dá os primeiros passos nesse sentido. Infelizmente, depois de «queimado» o disco – por exemplo com compilações MP3 ou vídeos das férias, em VCD – é frequente a leitura da obra-prima só ser possível em máquinas CD-ROM ou DVD-ROM, quando seria interessante que o título fosse

utilizável em equipamento «mais doméstico», com a trivialidade com que lê um CD, ou um DVD, comprados na loja...

Quase sempre, o único impedimento está no laser «doméstico» para leitura, que não tem o comprimento de onda adequado para perceber a cobertura de um CD-R ou DVD-R, mesmo quando todos os formatos lógicos foram respeitados. É pois uma limitação mecânica/física dos equipamentos «domésticos».

O Yamaha DVD-S520 é o menos limitado dos equipamentos domésticos que conheço. Este nipónico tolerou – conforme documentado – todos os discos ópticos com que o alimentei, incluindo CD-R e CD-RW. Só não o experimentei com discos DVD+RW.

O laser do S520, funciona a 650 nm ( $1 \text{ nm} = 10^{-9} \text{ m}$ ) para DVD e a 780 nm para CD. Ou seja, trabalha a frequências diferentes, consoante o suporte da informação.

Para os autores «amadores» de conteúdos suportados em discos ópticos, esta máquina representa o facilitismo extremo do momento, pois constitui uma plataforma de teste, que não o computador. Claro que com o aumento das vendas de gravadores de DVD, e com a popularidade crescente (e sensata) da digitalização de toda a informação (incluindo cheiros!!), este exemplo relativamente pioneiro será seguido.

Quanto à estética, este Yamaha volta a ser diferente. A gaveta para os discos é central, mas fica muito baixa, com o painel luminoso das indicações, por cima. A interface é minimalista, não havendo mais do que seis teclas: ligar/desligar, abrir/fechar compartimento, pausa, stop, play, e próximo/anterior capítulo.

A primeira utilização da máquina obriga ao «virgin setup», isto é, à escolha do tipo de televisor instalado, e língua e legendas preferidas... mas, depois disso, fruir de títulos será mesmo apenas uma questão de inseri-los e pressionar play. Todavia, confesso que prefiro quando este «virgin setup» não é mandatário.

A parte posterior do S520 é igualmente simples e bem arrumada: há saídas de vídeo composto (ficha RCA), S-Video (ficha S-VHS), e Scart; há saídas de áudio analógico (estéreo RCA); e de áudio digital (óptico toslink e eléctrico coaxial). Ou seja, não se prevê qualquer dificuldade na conexão com outros equipamentos. Ah!, existe ainda uma saída dedicada para subwoofers activos, que eu nunca tinha encontrado em máquinas sem descodificação de som digital integrada.

Este Yamaha percebe fluxos Dolby Digital (DD), Digital Theater System (DTS) e MPEG 1/2, os mais populares em todo o software. A descodificação para analógico (som audível) destes fluxos digitais, deverá ficar a cargo de equipamento externo, como um processador de som dedicado, ou um amplificador AV integrado.

São suportadas amostragens até 96 kHz e resoluções até 24 bits! Quando se está a usufruir de um título com som digital, mas não existe um descodificador externo, claro que se podem usar as saídas estéreo do aparelho, que emitem sinal Dolby ProLogic «downmixed», ou 3D Sound / TruSurround, que não são mais do que dois canais (esquerdo e direito), com algum processamento para lhes conferir uma espacialidade mais envolvente.

O sinal de vídeo emitido é PAL/50 Hz ou NTSC/60 Hz, consoante o título. Durante o teste, utilizei a ficha S-VHS. Não encontrei forma de emitir PAL/60 Hz, um formato habitual nas consolas de vídeo-jogos, que consegue melhor estabilidade de imagem, mas não é tolerado por todos os televisores.

Em termos de funcionalidade, nada falta ao Yamaha DVD-S520. Para lá da navegação básica, dei com umas funções curiosas, como a possibilidade de zooms 1.33x, 2x, e 4x sobre a imagem (mesmo em movimento), e a possibilidade de leitura a várias velocidades, tanto acima, como abaixo da cadência normal, ao extremo do frame-a-frame...

O que não gostei, foi do telecomando. Acontece que as incontornáveis teclas cursoras, normalmente utilizadas para desfilas pelas interfaces gráficas organizadas em menús, servem também para controlar a velocidade de leitura referida no parágrafo anterior. Assim, se se pressionar uma dessas teclas durante a fruição de um título, altera-se o ritmo... pois claro... mas o problema está em que a sua posição no telecomando, é normalmente a posição dos botões para avanço e recuo no capítulo do filme (noutros telecomandos), tendo eu caído na «armadilha» várias vezes.

É claro que é uma questão de hábito, mas também é um facto que muitos outros utilizadores passarão pelo mesmo.

O Yamaha DVD-S520 foi integrado no seguinte sistema, enquanto reproduz DVD-Video, lendo software de região 2, com som Dolby Digital:

- amplificador Audiolab 8000PX (para as colunas frontais)
- amplificador Audiolab 8000S (para a coluna central)

- amplificador Audiolab 8000A (para as colunas posteriores)
- decodificador Sony DSP EP9ES (para Dolby Digital)
- colunas frontais Paradigm Reference Studio 100
- coluna central Castle Keep
- colunas posteriores Infinity Reference 50
- subwoofer Energy ES8

## Opinião

Depois de aprovado em alguns testes de compatibilidade (The Faculty, e The Matrix), o DVD-S520 deu vida a capítulos seleccionados de muitos filmes (Gladiator e Saving Private Ryan, merecem destaque), e foi de fio a pavio com o interessante Le Destin Fabuleux de Amelie Poulain (LDFDAP), de Jean-Pierre Jeunet (Delicatessen, The City of the Lost Children, Alien 4)...

Ultimamente a minha preocupação na apreciação qualitativa de leitores de DVD é apenas a qualidade de imagem e a compatibilidade, uma vez que já se foi a época de problemas com as streams de áudio digital, cuja tradução para analógico fica sempre a cargo de equipamento externo. Assim, esta selecção de títulos reflecte isso mesmo, principalmente a obra francesa, que é de uma exuberância estilista na côr, e de uma diversidade nos interiores e exteriores, que, a par de Bridget Jones' Diary, está na minha linha da frente para testes.

LDFDAP conta a história de Amelie... uma menina diagnosticada com «coração fraco», tais as irregularidades denunciadas por exames cardíacos, embora verdadeiramente devidas aos efeitos do contacto físico com o estetoscópio...

Poulain acaba por crescer super protegida pelos seus pais, ensinada pela sua mãe, que um dia comete suicídio... e de repente temos uma Amelie adulta, sem experiência social, mas interessada em fazer o bem aos outros.

Os outros são um pintor idoso que passa a vida a desenhar sempre o mesmo Renoir, um rapaz merceeiro sempre oprimido pelo seu pai, um coleccionador de fotografias rápidas rejeitadas, e uns dúos infelizes no amor, que a menina Amélia procura juntar.

Nesta acção, não propriamente frenética – a não ser no discurso do narrador onisciente (recomenda-se uma revisão à língua francesa, para quem se atrever a não legendar) –, o espectador vai conhecendo as casas de cada um, os hábitos excêntricos da personagem principal (que medita sobre telhados e se acha portadora de azar), e os espaços

«muito franceses» deste micro-cosmos, fascinante pela naturalidade com que é percebido. Sabem aquela sensação de falsidade transmitida por (quase) todas as telenovelas?, em que as paredes rescendem a estúdio com iluminação artificial, e todos os objectos parecem recém-comprados à pressa?... pois, em LDFDAP, é o absoluto simétrico: tudo parece acontecer em espaços que sempre existiram, e que foram invadidos por Jeunet.

O Yamaha DVD-S520 esteve muito bom, isento de reparos... que não uma ténue granularidade em algumas cenas de intensidade luminosa intermédia, a tender para o escuro, como fins de tarde. A pausa também revelou alguma trepidação vertical.

Em geral, este japonês é fino no recorte e vibrante nas cores. Quase não recorre a anti-aliasing, o que se traduz em imagens repletas de informação, eventualmente mais sensíveis a fenómenos de grão, do que se processadas com mais violência. Mas eu prefiro-as assim, mal passadas...

O funcionamento é silencioso e não aconteceu uma única situação comprometedora, nem nas transições entre camadas, em DVDs de dupla camada.

Apesar da pausa denotar alguma instabilidade (visível), as restantes operações similares, como o avanço frame-a-frame, a velocidade variável (para trás e para a frente), e até os diferentes zoom, acontecem todos sem mácula e com menos vestígios de digitalite, do que o habitual em aparelhos que os implementam.

O contraste negros/brancos não é o mais intenso do meu universo de experiências, mas a naturalidade da côr e o recorte com que emergem as formas foram mesmo muito apreciados.

As leituras de MP3 e alguns capítulos DVD pontuais, revelaram um som generoso nos graves, dinâmico e atento, ainda que menos profundo do que alternativas da própria Yamaha.

## **Resumo**

O Yamaha DSP-S520 é um leitor de CD, VCD, MP3 e DVD, que suporta discos ópticos CD-R, CD-RW e DVD+RW.

Os pontos fortes desta máquina são a sua compatibilidade com múltiplos formatos, a naturalidade e vivacidade das cores, e uma absoluta completude funcional.

Recomendado!